



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 24 - julho de 2020

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2020i24p210-213>

**PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica M. Andrade. (Org.).
Literatura infantil e juvenil: campo, materialidade e produção. Belo
Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019. 180 p.**

*Pollyanna de Mattos Moura Vecchio**

Alguns teóricos são reconhecidos não só pelo conteúdo que discutem, mas também pela forma como o expressam, ou seja, por sua escrita. Octavio Paz, por exemplo, é frequentemente citado como um teórico que refletiu sobre a poesia de forma poética. Essa preocupação com a escrita é, muitas vezes, um ato de generosidade no meio acadêmico.

Começo assim esta resenha para dizer que, na obra *Literatura infantil e juvenil: campo, materialidade e produção* (2019), organizada por Marta Passos Pinheiro e Jéssica M. Andrade Tolentino, um dos aspectos positivos que mais salta aos olhos é que, na maioria dos capítulos, há uma preocupação com a escrita por meio do uso de linguagem acadêmica que ousa lançar mão de recursos estilísticos próprios da literatura. Vejamos alguns exemplos.

No capítulo “Retrato da literatura quando jovem”, os autores Marília Ribeiro, Guilherme Ribeiro e Jéssica Tolentino estendem a metáfora de Wisnik (2004 *apud* PINHEIRO; TOLENTINO, 2019, p. 95) da adolescência como fogo (algo que se consome em transição de um estado ao outro) para a própria lógica da narrativa do livro *Catálogo de perdas*, de João Anzanello Carrascoza e Juliana Monteiro Carrascoza. Como metáfora do fogo, a obra seria, para os autores, um “[...] romance de formação

* Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG; Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – POSLING – Belo Horizonte – MG – Brasil – pollyannamattosvecchio@gmail.com

invertido [...]” que evidenciaria “[...] não o que se acrescenta ao indivíduo na sua longa trajetória rumo à vida adulta, mas sim o que se perde.” (RIBEIRO; RIBEIRO; TOLENTINO, 2019, p. 96).

No capítulo “O contraponto na criação de livros ilustrados: a dupla orientação em *Rosa e Olavo*”, Odilon Moraes reflete sobre sua própria criação e nos apresenta com a alegoria da “gravidez masculina” ao falar de sua relação com seu livro *Rosa*. Segundo o ilustrador, diferentemente da gravidez feminina, que tem a materialidade da criança no próprio corpo da mulher, a gravidez masculina “[...] acontece na cabeça. Cresce preenchida pelo vazio, por uma imensa ideia, à deriva.” (MORAES, 2019, *apud* PINHEIRO; TOLENTINO, 2019, p. 115). Assim, ele conta que o livro *Rosa* lhe surgiu como uma forma de preencher esse vazio e da necessidade de falar sobre a sua iminente paternidade, a qual o fez voltar a sua memória como filho.

Por fim, em “O tamanho da chave: as astúcias de Monteiro Lobato e do mercado editorial”, os autores usam a palavra chave (literal e metaforicamente) ao longo de todo o capítulo e o fecham remetendo à ideia de chaves de leituras possíveis para interpretação da obra de Monteiro Lobato. Essa mesma metáfora é retomada pelas próprias organizadoras do livro no final da seção “Apresentação”, ao citar o verso “Trouxeste a chave?”, do poema “Procura da poesia”, de Carlos Drummond de Andrade, e dizer que o livro apresentaria não a palavra final em termos de teoria da literatura infantil e juvenil, mas “[...] algumas chaves de leitura presentes nos elementos que compõem a cadeia editorial do livro [...]” para que nós, leitores, possamos estar “[...] tal qual o leitor a que aspirava Monteiro Lobato, com ‘a chave em seu bolso’.” (PINHEIRO; TOLENTINO, 2019, p. 13).

O livro é composto por dez capítulos organizados em três seções assim intituladas: 1) “Panorama do campo”, 2) “Reflexões sobre a materialidade” e 3) “Aspectos da produção e recepção: autor, leitor e editor”. A primeira seção traz o artigo “Apontamentos sobre livros para crianças no Brasil: criação, edição e circulação”, de Fabíola Ribeiro Farias e Cleide Aparecida Fernandes, pesquisadoras com vasta experiência em gestão de bibliotecas públicas em Minas Gerais. No texto, elas discutem a influência, na produção editorial de livros para crianças, de fatores como os prêmios literários e as compras feitas por meio de editais do poder público. Na sequência, o artigo “Literatura juvenil sob coerções”, João Luís Ceccantini e Vera Teixeira de Aguiar refletem sobre pressões sofridas pela literatura juvenil não só em relação ao conteúdo apresentado nas obras, mas também em várias instâncias da cadeia do livro, como

divulgação, distribuição, comercialização e recepção, o que refletiria na própria definição do conceito de obra juvenil.

A seção “Reflexões sobre a materialidade” é iniciada pelo artigo “Livro: um projeto de Design na Leitura”, de Maíra Lacerda e Jackeline Lima Farbiarz. Ambas profissionais e pesquisadoras da área do Design, as autoras propõem o conceito de *wicked problem* para a área da edição, entendendo que algumas obras literárias, devido à sua complexidade, são como um problema a ser continuamente resolvido por meio de uma nova edição da obra. Como exemplo, as autoras analisam várias edições de *Alice no país das maravilhas* e *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll.

Na sequência, Hércules Tolêdo Corrêa, Marta Passos Pinheiro e Renata Junqueira de Souza nos apresentam o capítulo intitulado “A materialidade da literatura infantil contemporânea: projeto gráfico e paratextos”. Nele os pesquisadores analisam os livros *Um dia, um rio*, de Leo Cunha e André Neves, *A quatro mãos*, de Marilda Castanha, e *Mana*, de Joana Estrela, e chegam à conclusão de que a criatividade é que guia o projeto gráfico de livros infantis como os analisados, com a inclusão de elementos paratextuais que contribuem para a construção de sentido da obra e para a ampliação de seu público leitor.

No capítulo “Retrato da literatura quando jovem: uma análise de Catálogo de perdas”, Guilherme Trielli Ribeiro, Jéssica M. Andrade Tolentino e Marília Scaff Rocha Ribeiro, conforme já mencionamos, utilizam a análise do livro de João e Juliana Carrascoza para refletir sobre o conceito de adolescência, juventude e literatura juvenil. Em “Edição de livros infantis: interfaces e tecnologias da escrita do encantamento”, Ana Paula Mathias de Paiva se vale da teoria da multimodalidade para falar sobre livros-brinquedo.

A terceira seção (“Aspectos da produção e recepção: autor, leitor e editor”) é iniciada pelo capítulo “O contraponto na criação de livros ilustrados: a dupla orientação em Rosa e Olavo”, de Odilon Moraes. Além da belíssima alegoria da gravidez masculina, o autor-ilustrador propõe o conceito de “escrever com imagens” para descrever seu processo de criação de livros ilustrados e a ideia da dupla orientação em que o texto e a ilustração seriam usados com sentidos distintos para ampliar o sentido das obras. Com “O poder sedutor das capas nas escolhas literárias das crianças”, Maria Elisa de Araújo Grossi e Maria Zélia Versiani Machado inovam ao trazer para a pesquisa acadêmica a entrevista com crianças, tendo em vista o enfoque de *Dime*, que parte do pressuposto de que as crianças sejam “[...] capazes de emitir impressões e

análises sobre os livros literários a que têm acesso.” (GROSSI; MACHADO, 2019, *apud* PINHEIRO; TOLENTINO, 2019, p. 133).

Na sequência, temos dois capítulos voltados para a obra de Monteiro Lobato: “A reedição das obras de Monteiro Lobato”, de Isabel Lopes Coelho, e “O tamanho da chave: as astúcias de Monteiro Lobato e do mercado editorial”, de Eliane Aparecida Galvão e Thiago Alves Valente. No primeiro, a autora (que hoje gerencia a área de Projetos Especiais e Literatura da editora FTD Educação e trabalhou por 12 anos no Núcleo Infanto-juvenil da Editora Cosac Naify, conforme se verifica na seção “Autores e autoras”), relata e analisa como foi o processo de reedição da obra de Monteiro Lobato na FTD diante do *frisson* no mercado editorial causado pela liberação, em 2019, dos direitos autorais das obras do autor.

No último capítulo da obra, já mencionado aqui pelo trabalho com a linguagem, Eliane Aparecida Galvão e Thiago Alves Valente também analisam uma edição recente de uma obra de Lobato: *A chave do tamanho*, publicada pela Globinho em 2016. Corroborando a posição já adotada por Corrêa, Pinheiro e Souza em capítulo anterior, os autores refletem sobre como os paratextos são importantes para o leitor contemporâneo, proporcionando-lhe “chaves” de leitura para a obra de Monteiro Lobato.

Ademais à linguagem, outro aspecto positivo da obra aqui resenhada é o fortalecimento da discussão, em capítulos variados, de alguns pontos cruciais da pesquisa recente sobre a área, quais sejam: a) a instabilidade do conceito de literatura juvenil; b) a influência dos prêmios literários e das compras governamentais na produção editorial de literatura infantil e juvenil brasileira; c) a convergência de linguagens e o importante papel dos paratextos e do projeto gráfico na construção do livro infantil e juvenil e d) a inclusão de entrevistas com crianças em pesquisas sobre a recepção de literatura infantil.

Trata-se de um livro fundamental para o campo da literatura infantil e juvenil e sua linguagem agradável torna a leitura próxima da experiência literária. Recomendo a obra tanto para pesquisadores quanto para profissionais da cadeia do livro, como editores, autores, ilustradores e designers, além de professores, bibliotecários e mediadores de leitura.

Data de submissão: 17/12/2019

Data de aprovação: 02/05/2020